

Revista digital **DOM**



ANO 1 / EDIÇÃO 5

Revista digital **DOM**

O anúncio do Reino de Deus precisa se feito sempre de forma nova e atraente a fim de que mais almas sejam alcançadas.

Pe. Cláudio

Expediente:

Direção Geral:

Padre Cláudio

Editores: Maria Cristina /
Tony Januário

Diagramação e design:
Danilo Falcão

Fotos: Donovan

Foto capa:

Dom e carisma -
Com. dom de Deus

NO RITMO DAS ESTAÇÕES

Nada melhor do que viver a vida no ritmo das estações. A pouco tempo iniciamos inverno. Frio, chuva, casaco, começam a fazer parte da nossa realidade cotidiana e do nosso imaginário (lareira, neve, chocolate quente...). Nosso cotidiano passa a ser mais bem planejado e nos tornamos mais cuidadosos. Passamos a dedicar um tempo maior ao nosso guarda-roupa, pois as vestes de inverno nos convidam a ser mais detalhistas já que não queremos passar frio! Ficamos mais atentos a previsão do tempo e às consequências caso haja uma forte ventania ou um forte temporal.

Enfim, o inverno chega, e com ele também outras preocupações: para os que vivem em dieta, é um tempo de

estar mais atento às calorias provenientes dos “prazeres” dos doces e chocolates quente; para os que tem a saúde mais debilitada é tempo de maiores cuidados com a “friagem”. Mas faz parte e precisa ser vivido.

Apesar de todos os anos vivermos sob o ritmo das estações, não o dominamos perfeitamente e assim somos tomados por estas e por tantas outras preocupações e que podem nos fazer perder o olhar de gratuidade e de gratidão. Quando nos colocamos na vida com percepções de gratuidade conseguimos extrair dela as melhores coisas, nos tornamos capazes de vibrar com cada possibilidade que a vida nos traz pelo simples fato de cada estação ser necessária para que o todo seja perfeito.

Expressar gratidão favorece e desperta sentimentos de alegria e paz porque nos permite conviver com o que nos agrada e com o que não nos agrada nos inserindo na estação e permitindo que ela também faça parte de nós.

Que o inverno seja vivido de forma gratuita e repleta de gratidão, para quando passar estejamos abertos ao que virá! ■



A VIDA MISSIONÁRIA REVELA QUEM NÓS REALMENTE SOMOS



Foto: arquivo pessoal de Victor Queiroz

“Quem perder a sua vida por amor de mim e do evangelho salva-la-á” (Mc 8,35)

Por vezes, o Evangelho pode trazer para você uma proposta difícil demais de se viver, em um mundo onde somos constantemente cercados pelo prazer e pelo ter. Como posso perder a minha vida? Como posso deixar tudo que tenho para enfim poder me salvar?

Primeiro, precisamos entender que Deus tem uma medida para cada um viver a sua experiência missionária, ou a sua busca pelo céu aqui na terra. E você já se perguntou qual a sua? Sim, você também pode viver uma vida missionária dentro da sua casa, dentro do seu trabalho, na faculdade. O importante é você revelar a sua essência a partir do entendimento de quem se é.

Foi quando comecei a ter dimensão daquilo que Deus me chamou para ser, que enfim pude ser mais livre, pois passei a revelar quem realmente sou. Por muito tempo, fui me anulando em diversas coisas e, dessa forma, a única saída que tinha era viver aprisionado no meu próprio prazer e no ter. Era uma busca insaciável por viver um amor que não me trazia a salvação, mas que na verdade me dava apenas uma felicidade momentânea.

Ao olhar para mim, percebo que a medida que Deus me chama a transbordar o seu amor hoje é dentro de uma comunidade de vida fraterna. Isso me faz encontrar o verdadeiro amor e no fim de cada dia posso me revelar por inteiro, na certeza daquilo que eu nasci pra ser. E é nessa experiência missionária que eu posso perder a minha vida todos os dias por um Deus que me leva além. Ele me impulsiona a ser, no ordinário daquilo que eu preciso fazer, a expressão do seu amor, amando o outro e me amando também da maneira mais pura e sincera.

Não tenha medo de perder a sua vida. Tenha coragem de configurar o seu coração ao verdadeiro amor. Desta forma, ao encontrarmos Deus, em todas as coisas, pessoas e situações, possamos ser testemunhas do Evangelho e alcançemos a salvação que se dará a partir de uma conversão diária. Seja na minha vida de oração, seja arrumando uma casa, seja em qualquer lugar, em tudo Deus me chama a viver uma experiência missionária. E você, onde e como Deus deseja que tenha uma vida missionária? ■

Por Victor Queiroz, noviço

A IMPORTÂNCIA DA EXISTÊNCIA HUMANA

Foto - Caroline Veronez | Unsplash

Como sabemos, existem algumas teorias sobre como se deu a existência humana e como ela se determina. Dentre as abordagens da psicologia, tem uma teoria descrita por Jean Paul Sartre que afirma que a existência precede a essência. Ou seja, que nossa experiência de vida é que determina o que somos, nossa essência. Sob essa ótica, somos somente construídos a partir da nossa convivência com o mundo.

Mas quem nunca ouviu falar que nascemos com uma missão? Ou que estamos aqui com um propósito? Escolhi, portanto, falar sobre a teoria da criação divina, acreditando que com base nela, conseguimos entender melhor a importância de cada um de nós e de nossa existência.

“Então Deus disse: ‘Façamos o homem à nossa imagem e semelhança’” (Gn 1,26). Como descrito nesse trecho de Gênesis, Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, criou para que pudessemos reinar sobre todas as criaturas

do mar, do céu e da terra, segundo a sua vontade.

E por que a sua imagem e semelhança? Para sermos à imagem de Deus aqui na terra e para termos a dignidade de pessoa, pois não somos apenas uma coisa, como as demais criaturas, mas alguém. Um alguém que é capaz de se conhecer, de se doar livremente e entrar em comunhão com outras pessoas.

Deste modo, só o homem é chamado a compartilhar, pelo conhecimento e pelo amor, a vida de Deus. Foi para este fim que fomos criados, e aí reside a razão fundamental da nossa dignidade humana. (CIC§356). Deus quis necessitar da nossa existência para que sua obra pudesse ser completada.

Como podemos observar em vários momentos na Bíblia, desde o antigo até o novo testamento, foi a partir de uma existência humana (como a de Moisés, Abraão, Maria, José, João Batista, os discípulos e os profetas) e de sua resposta de amor a Deus, que as obras puderam ser completadas. E ainda hoje é assim. Deus espera que cada um de nós sejamos instrumentos dele.

Não somos importantes porque somos dotados de inteligência, por andarmos, falarmos, termos bens ou qualquer outra coisa deste tipo, mas para que possamos ser coparticipantes da ação divina. Desta maneira, podemos concluir que a existência humana é um dom de Deus, uma graça que quando compreendida nos devolve todo o sentido de ser e nos faz buscar ser em plenitude. ■

Por Beatriz Marinho, pré-noviça

EUCARISTIA: ÁPICE DA VIDA CRISTÃ

“Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome; e quem crê em mim nunca terá sede” (Jo 6, 35)

Maravilhoso é pensar no amor infinito de Deus Pai por nós, que envia ao mundo seu Filho amado para nos salvar, e sabendo das nossas necessidades de fé, antes de consumir a salvação na cruz, nos presenteia com o grande dom da eucaristia, instituída na última ceia por Jesus Cristo com seus doze apóstolos.

Como não se apaixonar por

um Deus assim? **“Eis o meu corpo...eis o meu sangue...fazei isto em memória de mim!”** Uma memória que fazemos a cada santa missa que participamos. Ao receber o “pão dos anjos”, recebemos o alimento e remédio para nossas almas, pois recebemos o corpo, sangue, alma e divindade do Cristo vivo.

O papa São João Paulo II escreveu a **Ecclesia de Eucharistia**, uma encíclica que

afirma e assume que a Igreja vive da eucaristia. Nós, em comunhão com a Igreja, precisamos assumir esta verdade em nossas vidas. Assumir que somos necessitados deste alimento celeste, que sem ele não há sentido em nossa vida de fé. *“Quem realmente come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna e Eu hei de ressuscitá-lo no último dia, porque minha carne é verdadeira comida e o meu sangue, verdadeira bebida” (Jo 6,54).*

Celebrar a solenidade de Corpus Christi precisa nos impulsionar a viver uma vida eucarística constante, seja na participação da missa, seja na adoração ao santíssimo sacramento no sacrário. E ter uma vida eucarística de oração e adoração precisa nos levar a ser também presença de Cristo no mundo, ou seja, precisa me provocar a também a ofertar minha vida pelo reino dos céus.

A realidade da pandemia pode ter nos deixado impossibilitados de receber a eucaristia e de visitar Jesus nos sacrários, mas não podemos permitir que nosso amor e devoção ao Corpo de Cristo se percam. Precisamos superar as barreiras e limites do tempo presente. Se não podemos estar presencialmente numa missa, que possamos participar pelos meios de comunicação e fazer nossa comunhão espiritual, assim como tem nos ensinado o Papa Francisco. ■

Por Miriam Gomes, consagrada

Foto Dom e carisma - Com. dom de Deus

O Espírito que revigora a vida

O Espírito Santo auxilia o cristão no caminho da fé, na busca da conversão sincera de coração e comportamento. No Salmo 51,10, *“Criei em mim um coração puro, oh Deus, e renova dentro de mim um espírito estável”*, o salmista faz a súplica para que o Paráclito traga uma vida de estabilidade espiritual, que renova o coração quando está frágil. A vida espiritual revigora a força do católico. Ao percebermos que a fé está abalada, e com isso desviarmos o olhar do amado, precisamos ser insistentes em pedir o fogo que abrasa e reacende a chama do dom de Deus.

Quando tomamos a decisão de conversão, muitos atalhos podem surgir para que se perca no caminho que leva para a queda do pecado. Conversei com Francisco José de Oliveira, que falou um pouco da sua experiência. Ele recebeu os sacramentos da Eucaristia e Crisma em 1998

e teve uma vida ativa na Igreja. Mas depois do casamento, sua vida tornou-se árida e começou a se afastar do caminho de santidade, **“aos poucos fui me afundando no pecado, comecei a usar álcool, cigarro, me envolvi com jogos e caí no adultério”**, contou.

O casal conheceu a comunidade em 2011, em um momento de crise na família, e Francisco fez o Acampamento Sênior. **“Depois de muita resistência senti que o Espírito Santo queria trabalhar em mim, mas não eu dava liberdade para que ele revigorasse a minha alma inteiramente”**, relatou. O retiro foi o divisor de águas para ele, voltou tão cheio de Deus, que só uma coisa era importante, ser todo Dele. Em seguida, fez o Reacampamento, foi atraído pelo carisma e a unção de Deus fez com que largasse tudo. Hoje, Francisco é noviço da comunidade, e a esposa, Isaura, discípula.

A ação de Deus age na vida do cristão quando permitimos que o Paráclito faça em nós, o que Ele quer, quando permitimos sem temor no coração um arrebatamento. Pois não adianta termos os sacramentos para preencher um currículo ou conseguir status, sem uma busca constante de vida pentecostal. A Igreja Católica conta com a intercessão dos fiéis, porque muitos leigos e leigas tiveram uma profunda conversão. Hoje, muitas pessoas que atuavam em pastorais, levavam a Palavra com fé, estão deixando levar-se pelos pequenos atalhos que faz perder o cristão dele mesmo e sobretudo perder-se de Deus. Revigoração já! ■

Por Tony Januário, consagrado

Foto fotografia religiosa_1543346710

JESUS, MEU ESPOSO



Foto Editada - dom e carisma - com, dom de Deus

“Há eunucos que a si mesmos se fizeram eunucos por amor do Reino dos céus. Quem puder compreender, compreenda” (Mt 19,12). Uma vocação que ainda gera muita curiosidade é o celibato leigo. Para entendermos um pouco mais sobre este estado de vida pessoal, conversamos com a Renata Curi, consagrada fundante de nossa comunidade. Confira e tire suas dúvidas!

Qual a diferença entre castidade e celibato?

Essa é uma pergunta bem pertinente, pois muitos acham que é a mesma coisa e não é. Vejamos: a castidade é uma virtude que diz respeito a todos, todos nós devemos buscá-la, e não se resume em abstinência

sexual ou algo do tipo, embora muitos pensem assim. Ela é a virtude que nos protege do amor egoísta, que gera em nós gratuidade e pureza. O CIC nos fala: “A virtude da castidade comporta, portanto, a integridade da pessoa e a integralidade da doação (2338). Logo, todos nós precisamos ser castos! Já o celibato é uma forma particular de ser casto; onde a pessoa se abstém do casamento e do exercício da sexualidade por sentir-se chamada a este modo de vida particular. É, sobretudo, um chamado de Deus, onde livremente o correspondemos a fim de estarmos mais intimamente ligada a Ele. Importante ressaltar que ser celibatário não é “ser solteiro” por falta de opção ou algo assim. Ser celibatário é antes de tudo ser livre para em Deus, escolher ser somente Dele e de mais ninguém!

Como você discerniu a sua vocação? Levou tempo ou sempre soube?

Discerni em um período de quaresma (não me recordo o ano exato) onde coloquei como intenção meu discernimento sobre minha vocação pessoal. Em um determinado dia, na Santa Missa, no momento da Comunhão, senti (literalmente) um desejo muito forte de ser de Deus e de mais ninguém e isso me foi suficiente para ter certeza do meu chamado ao celibato. Não posso afirmar que “sempre soube”, mas de fato ao fazer memória da minha história é possível ver sinais deste chamado e tais sinais sempre me fizeram perceber, mesmo sem total discernimento, que já havia em mim um desejo diferente da grande maioria.

Você foi a primeira celibatária da comunidade?

Sim, até pelo tempo de Comunidade que tenho. Mas, “oficialmente”, meu caminho de consagração ao celibato foi feito juntamente com Miriam e Carla, nos consagramos juntas em 08/09/2015.

Qual é o maior desafio deste estado de vida?

Para mim, o maior desafio desta vocação é compreender a dimensão espiritual que ela traz consigo; sobretudo a de Maternidade Espiritual, pois exige de nós constante gratuidade e serviço/amor ao próximo “ser tudo para todos”. Ouso dizer que a definição do nosso carisma “Ser no dom de si...” é o grande desafio!

Existe alguma diferença ou atividade a mais na sua rotina ou vida espiritual devido ao celibato?

Hoje, nossa Comunidade trilha esse caminho de discernimento e construção acerca desta realidade. Por hora, devo seguir os mesmos princípios de vida e regras de oração como todos os membros. Mas, obviamente, tenho o entendimento do meu chamado a uma vida esponsal com o Senhor. Portanto, se faz necessário que eu tenha momentos específicos e pessoais com Ele. Hoje, na Comunidade, o que nos cabe de modo particular é ao menos uma vez por semestre um dia de retiro pessoal com nosso Esposo. Fora isso, temos formações específicas para o celibato, tal como todos os nossos irmãos em suas respectivas vocações.

Quem já teve relacionamentos no passado pode ser celibatário?

Sim, desde que sua decisão seja bem discernida, acompanhada, tomada em Deus. Desde que haja nesta pessoa de fato a vocação ao celibato, que não seja uma fuga por possíveis decepções amorosas, carências afetivas, traumas... Ela poderá sim viver a sua vocação ao celibato. O que deve motivar essa decisão (e todas as outras de nossas vidas) é sempre o desejo de fazer a vontade de Deus.

Qual a diferença entre ser celibatária e ser freira?

Boa pergunta! De modo geral, grande parte das pessoas acha que é a mesma coisa. Até mesmo essa pergunta já nos dá a entender que só “mulhe-

Foto: Dom e carisma - com. domde Deus

res” são celibatárias, ao comparar com uma freira. Então, desde já, é importante esclarecer que também existem na Igreja homens celibatários. Mas, para responder a pergunta, vou tentar resumir de modo bem prático... As freiras têm vocação à vida religiosa, fazem votos religiosos. De modo geral, moram em um convento, usam hábito e seguem as regras de vida da ordem que pertencem.

Já eu (leiga) vivo meu celibato sem estar ligada a uma ordem religiosa, não uso hábito, moro em minha casa, tenho meu trabalho. Embora pertença a uma nova comunidade, não necessariamente alguém que tenha esse chamado precisa pertencer a uma comunidade. Existe em nossa Arquidiocese, por exemplo, mulheres consagradas ao celibato que tem suas vidas paroquiais, vivem este chamado na sua vida Pastoral. Portanto, a grande diferença (resumindo bem) é que: freiras são irmãs pertencentes a uma ordem religiosa, que obviamente tem o celibato como condição de vida. Enquanto eu e tantos outros leigos consagrados ao celibato, o vivemos em meio à sociedade e à vida ordinária. Ambos possuem o chamado a uma vida sponsal.

Nem todas as pessoas vocacionadas ao matrimônio irão se casar, como não confundir isso com vocação à vida celibatária?

Como disse acima, a vocação ao celibato é uma escolha livre a partir de um chamado de Deus. Portanto, não basta ser solteiro para vivê-la. Quando se tem a vocação ao matrimônio e a mesma por algum motivo não se concretiza, cabe a esta pessoa viver sua vida em santidade,

vivendo a virtude da castidade e buscando em Deus sua felicidade. Não é o fato de não casar-se que o tornará vocacionado ao celibato. Celibatário é aquele que abre mão livremente da vocação ao matrimônio. É uma escolha deliberada e não “imposta” por circunstâncias da vida.

Por que muitas pessoas pensam que a vida celibatária é uma vida de solidão?

Porque existe o paradigma de que a pessoa celibatária é aquela enalhada que não arrumou ninguém, rs... Simples assim! E isso ainda é um fator que dificulta muito a promoção desta vocação dentro da Igreja, sobretudo nos jovens. Eles têm vergonha de se reconhecerem ou de demonstrar interesse por esse chamado, por conta desse “rótulo” que colocam em nós. Mas... muito pelo contrário, o celibato é a vivência do maior amor que existe; é a antecipação do que TODOS nós viveremos no céu. Quando se tem uma afetividade ordenada e o perfeito entendimento que nossa vocação não nos faz solitários e sim completos. Deus nos basta, Ele é “suficiente para nós”. Somos felizes, somos completos, escolhemos a melhor parte e essa não nos será tirada! Por fim, aproveito a oportunidade para deixar aqui minha provocação acerca desta vocação: e você já pensou nisso? Já pensou que Deus pode estar te esperando para ser somente Dele? ■

Por Maria Cristina, discípula

FECUNDIDADE ALARGADA

Foto: arquivo pessoal Flávia Legentil

FAMÍLIA



Um dos aspectos essenciais da família é a abertura à vida, onde o casal promete viver essa abertura acolhendo os dons que Deus lhe oferece com um comprometimento de amor e fidelidade. O amor que nos une precisa ser contemplado com a graça de gerar vida. Todo ato sexual do casal é uma abertura da vivência de um sim à vontade de Deus para gerar a vida. Assim, escolhamos livremente amar e constituir uma família que deseja colaborar nesta linda missão de gerar.

Ao casal que não pode gerar, Deus contempla a ir além e abrir a adoção em uma vida conjugal. Através deste acolhimento viveremos uma fecundidade cheia de sentido, fruto de uma vida íntima de amor a Deus. Essa forma de abertura à vida leva a uma vivência consciente e harmoniosa para caminhar em uma paternidade responsá-

vel, que leva além dos filhos biológicos e faz aprender a gerar no coração. Uma espera que torna um grande sentido à vida do casal em fazer a vontade de Deus.



Foto: arquivo pessoal Flávia Legentil

Revista digital Dom

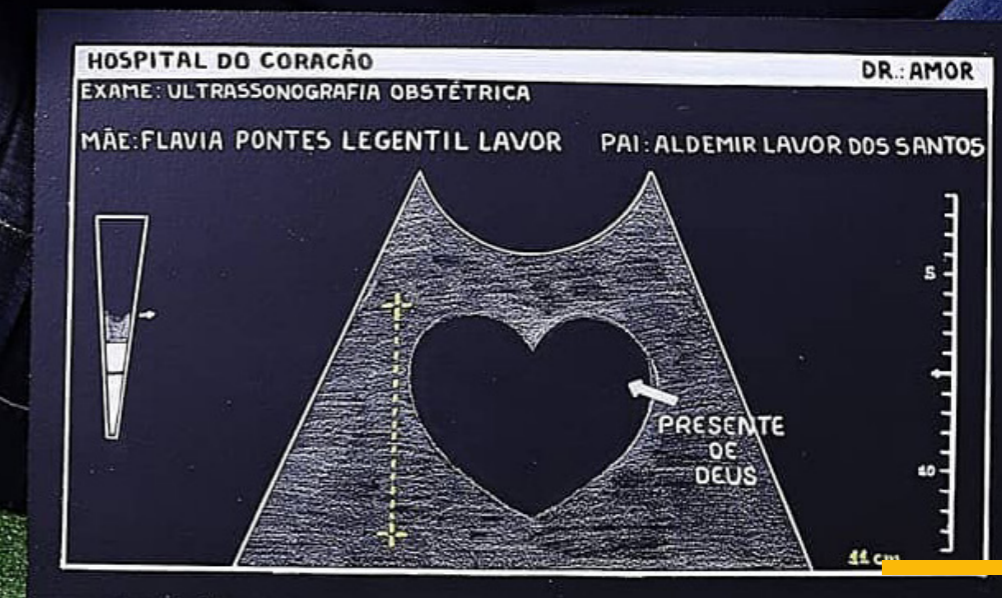
Vivo hoje, junto a Deus e ao meu esposo, essa linda missão de gerar no coração. Uma gestação que é diferente, mas que não perde a graça e a abertura à vida que fizemos no dia do nosso matrimônio. Escolhemos a vida e acolhemos o amor que já é gerado em nossos corações, sendo ele uma oferta de nosso amor conjugal por meio da adoção. É feliz quem escolhe a vida, seja ela vinda do ventre ou do coração. *‘Escolhe pois a vida, para que vivas’* (Dt 30,19).

Não podemos permitir que os medos nos afastem de realizar a grande obra de amor que Deus sonha para todo casal na vivência de uma paternidade responsável e feliz. O Papa Francisco – ao falar sobre adoção na exortação apostólica *‘Amoris Laetitia’* sobre o amor na família – nos presenteia com uma linda expressão: *“Fecundidade Alargada”*, que nos mostra que todo casal pode ser fértil no amor!

Ele também afirma no documento que *“aqueles que assumem o desafio de adotar e acolher uma pessoa de maneira incondicional e gratuita, tornam-se mediação do amor de Deus que diz: ‘Ainda que a tua mãe chegasse a esquecer-te, Eu nunca te esqueceria’* (Is 49, 15). Que assim possamos sempre escolher a vida e ter coragem para acolher por meio da adoção que de maneira nenhuma será inferior a biológica e sim participantes dessa grande obra de acolher os filhos que Deus nos dará com amor de pai e mãe. ■

Por Flávia Legentil, consagrada

Foto: arquivo pessoal Flávia Legentil



A VIDA ACELERADA AFASTA O CRISTÃO DE DEUS

Foto pexels-mike-chai-842339

Na nossa relação com Deus podemos correr o risco de cair na otimização do tempo. No mundo com o avanço da tecnologia criamos o hábito da resposta imediata quando queremos comunicar com o próximo. As ferramentas que aplicamos no uso das redes sociais proporciona uma navegação eficaz no feedback da mensagem, e caso não temos respostas rápidas, ficamos impacientes com o tempo, a fala do outro e a construção da opinião alheia.. Mas o que Deus tem a ver com isso?

Conforme vamos “acelerando” nosso tempo de escuta do outro podemos correr o risco de querer acelerar a nossa relação com Deus também. O tempo com Ele não é um

tempo otimizado, tampouco produtivo (do ponto de vista de mercado). Muitas vezes, o tempo da oração é o de “sofrer as demoras de Deus” (Eclo 2,3), não tem nenhum botão, nenhum recurso para acelerar a ação de Deus.

A pedagogia Dele é muito mais a da espera do que a da aceleração. Ele pede que Abraão conte estrelas para saber o número de sua descendência, conduz Moisés e seu povo por um deserto por longos anos até a Terra Prometida... Ele nos ensina a esperar e perseverar. Não é sem motivo que Santa Teresa de Jesus afirma que “a paciência tudo alcança”. Não é a pressa, nem a aceleração, mas a paciência.

O WhatsApp liberou uma nova função que permite acelerar as mensagens de áudio. Enfim, o que nós esperávamos! Um adianto nas nossas vidas! Será?!? E para quem ainda acredita que os áudios acelerados não tem nada a ver com a vida de oração ou não interferem na sua relação com Deus, lembremos do que São João afirma: Se alguém disser: “Amo a Deus”, mas odeia seu irmão, é mentiroso. Porque aquele que não ama seu irmão, a quem vê, é incapaz de amar a Deus, a quem não vê. Temos de Deus este mandamento: o que amar a Deus, ame também a seu irmão” (IJo 4, 20-21). Não podemos dissociar nossa relação com Deus da relação com os irmãos. Se, para amar a Deus, devemos amar nossos irmãos; podemos dizer que só podemos escutar a Deus no seu tempo, se formos capazes de escutar nossos irmãos no seu tempo. ■

Por Nathalie Mendes, consagrada



A MÚSICA E SUAS FORMAS

Foto pexels-freestock.org-96380

A música está presente na vida do ser humano na busca da paz interior e na relação com a sociedade. Sou professor de música e nesses anos tive experiências que marcaram a minha vida como cristão e profissional. Certa vez, ministrava uma aula para o 1º ano do Ensino Fundamental e um aluno perguntou: Tio, de onde vem a música?

Para a surpresa maior, aquela criança indagou sobre a origem universal da música. Naquele instante confesso que aquele menino me ajudou a acreditar que as pessoas podem apreciar a música com intimidade. A pergunta do aluno me levou a perceber que ele teve uma experiência profunda com a música, por isso ele quis se aprofundar. Os benefícios da música estão permeados à nossa volta,

por exemplo, o despertador do quarto, a torneira do banheiro, o motor do carro, tudo isso produz frequências com notas ou ruídos, formando música e vida. Com tudo a “pausa” é que realmente faz o homem capaz de apreciar os sons, as melodias, os ritmos e as harmonias. A vida urbana com seus sons, sem pausas, com buzinas, motores, gritos e barulhos de ferramenta, não colaboram para uma apreciação musical.

Por que muitas pessoas dizem não gostar de música Erudita (e, nessa classe está a Sacra)? Por que as baladas lotam e os concertos não? Porém, qual grupo sai beneficiado? A vida pode ser apreciada quando fazemos uma pausa, e então percebemos o som do vento, o barulho do mar, sentimos Deus e ouvimos a canção que toca e sensibiliza o coração.

O papa emérito Bento XVI nos diz que “existe música para agitação, que conduz o homem ao serviço de diferentes objetivos coletivos. Existe música de pura distração, que nada tem a dizer, que se contenta puramente em romper um silêncio que se tornou pesado demais. Existe música racionalista, cuja melodia só serve às construções racionais, sem falar realmente nem ao espírito, nem aos sentidos. Então, a música adequada para a liturgia ela tem uma outra síntese, mais vasta e de maior dimensão: síntese de espírito, intuição e melodia que fale aos sentidos”. ■

Por Ricardo Machado, consagrado

QUEM ACHOU UM AMIGO, DESCOBRIU UM TESOURO

Foto pexels-helena-lopes-697243

Falar sobre amizade me faz pensar em algumas passagens bíblicas que me fazem entender sobre quão grande é a potência de uma cumplicidade na nossa vida. Talvez você já tenha ouvido muito dizer sobre o perigo das más influências, mas hoje vamos refletir sobre a importância de se ter pessoas que são sinais de Deus para o nosso caminho de santidade.

“Apareceram algumas pessoas trazendo num leito um homem paralisado; e procuravam introduzi-lo na casa. Mas, não achando por onde o introduzir, por causa da multidão, subiram ao telhado e por entre as telhas o arriaram com o leito ao meio da assembleia, diante de Jesus. Vendo a fé que tinham, disse Jesus: ‘Meu amigo, os teus pecados te são perdoados’.” (Lc 5, 18-20).

Aqueles quatro amigos não mediram esforços! Não pensaram no quão difícil seria passar em meio a multidão para chegar até Jesus. Se doaram por inteiro carregando

em suas mãos um peso de um corpo paralizado e dentro dele uma alma aprisionada na incredulidade, e talvez precisaram acreditar até mais que o próprio enfermo.

Aqueles amigos estavam dispostos ao ponto de subir no telhado do lugar em que Jesus estava. O Senhor permitiu que aquele homem fosse curado de um corpo doente ao se aproximar de Jesus, mas tenho certeza que a libertação de sua alma iniciara com a determinação daqueles que o carregavam.

Outra história que muito me toca é a de Maria Madalena. Uma mulher que reconheceu Jesus como o Senhor de sua vida, mas pode experimentar através desse encontro a graça de se ter um amigo. Aquela mulher que talvez tenha sido tão machucada por tantos homens que a condenavam, teve o privilégio de aprender e viver uma relação de amizade com o melhor amigo do mundo.

Jesus nos ensinou como trilhar um caminho de santidade. Em seu caminho sempre esteve acompanhado de pessoas que eram chamados e considerados pelo próprio Cristo como amigos (Jo 15,15), demonstrando para nós que nessa busca pelo céu, devemos caminhar juntos e contar uns com os outros.

Não existe maior prova de amor a Deus que amar o próximo e dar a vida para a pelas almas e não há alegria maior do que saber que Ele conta com a nossa amizade para a salvação da humanidade. O Senhor é nosso Pai que também nos deseja ter como amigos! ■

Por Karollina Kort-Kamp, noviça